

Considerações sobre o “mergulho científico”

Na edição do passado dia 12 de Novembro do “Correio dos Açores” noticia-se que “...a Universidade dos Açores e o NASAL são a única entidade da Península Ibérica que dá formação em Mergulho Científico.”

Devo esclarecer, antes de mais, que nada me move contra esta notícia, muito menos contra o Núcleo de Actividades Subaquáticas e Ar Livre da Universidade dos Açores e muito menos em relação ao seu Líder, o Eng.º Paulo Costa Silva, pessoa de reconhecido e vasto *curriculum* com extensa experiência em múltiplas vertentes do Mergulho.

O que me levou a escrever esta nota tem outra motivação.

Desde 2004, quando assumi um mandato de 2 anos na Comissão Científica da CMAS (Confédération Mondiale d'Activités Subaquatiques), que tenho tentado explicar uma coisa muito simples: NÃO EXISTE MERGULHO CIENTÍFICO. Pois é, esta afirmação parece uma bomba. Porém, passo a tentar expor o que pretendo informar:

1. De facto, o que existe são CIENTISTAS QUE MERGULHAM.

2. Pela mesma lógica que não existe “alpinismo científico” ou “espaçonautas científicos”, o que há são cientistas que utilizam determinadas técnicas como ferramenta de trabalho. Entre elas aparece o mergulho.

3. Na verdade, o mergulho nem sequer é um desporto e muito menos se trata de uma actividade uniforme. O que existe são vários tipos de mergulho conforme a situação e o local em que se mergulha incluindo todas as múltiplas variáveis que ocorrem em qualquer ambiente subaquático.

4. Hoje em dia, o mergulho com escafandro

autónomo (popularmente conhecido como mergulho com garrafas) é um nicho de mercado florescente, nomeadamente nos Açores, como se pode comprovar nos dados recentemente divulgados na da última Bienal de Turismo Subaquático que teve lugar em finais de Outubro p.p., em Sta. Cruz da Graciosa.

5. Este nicho de mercado suscita, naturalmente e como deve ser, o “apetite” dos operadores privados que, com toda a justiça, criam as suas empresas e atraem mergulhadores para a Região, entretanto já reconhecida e publicitada como “um dos melhores locais de mergulho do Mundo” – o que não é bem assim mas a isso já voltarei.

6. Por estas razões se compreende que, quanto mais se aliciar o potencial cliente para ter um cartãozinho (e como o turista gosta de cartõesinhos) atestando-o como “shark diver, stingray diver, cave diver, etc...”, mais clientes aparecem sabendo-se que, muitos deles, depois de fazerem a formação e, eventualmente, alguma das especialidades acima referidas, arrumam o material na dispensa e, na melhor das hipóteses, irão voltar ao mar umas 4 ou 5 vezes por ano.

O que me fez escrever estas linhas na sequência do “mergulho científico” tem a ver, também, com algo extremamente simples e, em minha opinião, absolutamente pertinente: vender algo que, de facto, não existe é não só pernicioso como enganador e até pode originar um problema muito sério pois, ao fazer com que cientistas que mergulham e trabalham em áreas tão diversas como a Biologia, Geologia, Arqueologia, muitos deles, nos quais me incluo, têm uma vasta experiência de mer-

gulho, milhares de imersões e formação de alto nível como mergulhadores, se vejam obrigados por Lei – e cuidado com Leis feitas em Parlamentos por Deputados que, de um modo geral, legislam sem saber nada sobre o que estão a legislar – a fazer um cursozinho para terem o tal cartãozinho onde apreço escrito “Scientific Diver”.

Ensinar alunos, sejam eles de Biologia, Geologia, Arqueologia ou outra área, a mergulhar em apneia, utilizar as técnicas da caça submarina (já voltarei a estes dois pontos), fazer a formação de mergulho desde a mais básica até às mais complexas exigências do mergulho técnico, seja este com misturas, em cavernas, assistido ou outro, é de louvar e deve ser incentivado. Chamar a tudo isto ou a parte disto “mergulho científico” está, em minha opinião, errado pois, repito, NÃO HÁ MERGULHO CIENTÍFICO mas sim CIENTISTAS QUE MERGULHAM.

Desde há mais de 20 anos que dou cursos para biólogos e afins de “Técnicas de Mergulho em Apneia e Caça Submarina para obtenção de dados biológicos” sempre através da Universidade dos Açores onde sou Professor desde 1991. Faço-o principalmente nos Açores e no Brasil e integrei o grupo que, no 1º Workshop de Mergulho Científico, em Natal e depois em 2010 em Rio Grande, tenta formar a “Associação Brasileira de Mergulho Científico”. Nestas reuniões e conferências, tenho tentado sempre mostrar o que acima refiro em relação ao Mergulho dito Científico. Têm surgido imensos problemas e vários colegas meus Brasileiros, a maior parte mergulhadores muito experimentados e com vários níveis de formação, já começaram a ter constrangimentos graves aos seus projectos de investigação precisamen-

te por não terem o tal cartãozinho! Não quero que esse tremendo erro venha a acontecer nos Açores ou no País.

No curso de Licenciatura em Guias da Natureza, do qual sou Director, lecciono a disciplina de Mergulho e Património Subaquático, ou seja há mais leccionação de Mergulho na Universidade.

Quanto às técnicas de apneia e caça submarina, devo dizer que se trata não só da maior “escola de aquacidade” que se pode ter mas, também, da única forma de conseguir dados de biologia e ecologia sobre determinadas espécies. Na verdade, cerca de 65% dos trabalhos que já publiquei nestas áreas jamais teriam sido possíveis de realizar com outras técnicas – ou então provem-me o contrário.

Em 2011, no remoto Estado do Acre, Amazônia SW, ministrei este tipo de formação em floresta inundada naquilo que, penso, terá sido a primeira abordagem de recolha de dados de biologia, ecologia e comportamento de vários animais aquáticos mergulhando em apneia. Aliás, nestes habitats é pura e simplesmente impossível abordar o ambiente subaquático de outra forma.

Termino com mais algumas observações que considero pertinentes. De facto os Açores possuem condições especiais para o mergulho em todas as suas vertentes. Porém, e contrariamente ao que se tem vindo a fazer passar, nomeadamente em algumas comunicações proferidas na última Bienal de Turismo Subaquático acima mencionada, os Açores NÃO SÃO um “paraíso” para o mergulho. Não só é absurdamente caro vir para cá como os mergulhos são muito condicionados por vários factores entre os quais destaco: a) imprevisibilidade das condições atmosféricas, b) logística e c) profundidades consideráveis a pouca distância da cos-

ta. Quer isto dizer que os Açores são um excelente local para “Mergulhadores BONS”. Para o ocasional mergulhador contemplativo, sai mais barato e é mais seguro ir passar uma semana ao Mar Vermelho onde tem a garantia de águas calmas e translúcidas, baixas profundidades e uma profusão de vida incomparável até porque se trata do Índico.

As operadoras de mergulho são empresas privadas que, como digo acima, têm todo o direito de captar clientes e gerir o seu negócio. Porém, é preciso que alguém diga, alto e a bom som, que essas empresas não são DONAS DOS MARES pelo que nos devemos acautelar sobre eventuais manobras que tentem transformar

os Açores numa espécie de coutada marinha do mergulho contemplativo para mergulhadores vegetarianos pois parece-me que se quer caminhar para uma espécie de “aquário gigante” onde se podem ver uns bichos mas, se alguém quiser comer peixe, terá de se contentar com os intragáveis e importados filetes de pangá ou as indescritíveis postas de Perca-do-Nilo.

Bons mergulhos para todos, sejam eles cientistas, jornalistas, espeleólogos, turistas ou apenas porque gostam de passar algum do seu tempo debaixo de água. ■

JPB RECUSA-SE A ESCREVER SEGUNDO O ACORDO ORTOGRÁFICO.

